

**Edward S. Creasy, Byron e a batalha de
Maratona (490 AEC): uma reavaliação de
«The Fifteen Decisive Battles of the World:
From Marathon to Waterloo (1851)»**

Edward S. Creasy, Byron y la batalla de
Maratón (490 a. C.): Una reevaluación de
«The Fifteen Decisive Battles of the World:
From Marathon to Waterloo (1851)»

Edward S. Creasy, Byron and the Battle
of Marathon (490 BCE): A Re-evaluation of
«The Fifteen Decisive Battles of the World:
From Marathon to Waterloo (1851)»

Henrique Modanez de Sant'Anna
Universidade de Brasília
modanez@unb.br

Resumo: A Batalha de Maratona, travada entre atenienses, plateus e persas em 490 AEC, tem sido apresentada em tempos modernos como um dos momentos decisivos da história humana desde as afirmações poéticas de autores da segunda fase do romantismo inglês, tais como Lord Byron (1788-1824) e John Keats (1795-1821). Eles escreveram em um cenário de guerra e tiveram um impacto notável – especialmente Byron, que morreu lutando na Guerra da Independência da Grécia – nos escritos históricos de militares e estadistas de meados do século XIX, a exemplo de *The Fifteen Decisive Battles of the World: From Marathon to Waterloo*

(1851), de Edward Creasy. Sua reconstrução da batalha neste livro de história militar consolidou uma interpretação oitocentista de um dos primeiros confrontos militares entre gregos e persas, e foi dirigida ao público vitoriano – que há mais de três décadas mantinha-se celebrando a vitória da coalizão liderada pelos britânicos sob o comando do Duque de Wellington sobre o imperador francês – com uma mensagem mais abrangente: a batalha de Maratona faz parte de uma narrativa histórica baseada em como uma cadeia de batalhas decisivas mudou a história mundial. Este artigo oferece uma análise da influência de Byron no retrato da batalha feito por Creasy, no qual os gregos são apresentados como a encarnação racional da civilização ocidental em seus primórdios, e os persas como pertencentes a um mundo asiático mais antigo, despótico e estático. O retrato encomiástico que ele apresenta dos primeiros ecoa o retrato dos românticos sobre os helenos que combateram em sua guerra de independência (1821-1832). Quanto aos segundos, nota-se uma identificação com os turcos otomanos como ameaças soberbas às então modestas forças do Ocidente. Problematiza-se, assim, a afirmação universal de Creasy – embora ele nunca tenha sistematizado uma teoria da história – em torno de uma grande narrativa histórica que começa com a batalha de Maratona por meio de uma exegese do seu primeiro argumento.

Palabras clave: Edward Creasy, Byron, Batalha de Maratona, historiografia britânica, história militar.

Resumen: La Batalla de Maratón, librada entre atenienses, plateos y persas en el año 490 a. C., ha sido presentada en la época contemporánea como uno de los momentos decisivos de la historia humana, especialmente desde las afirmaciones poéticas de autores de la segunda fase del romanticismo inglés, como Lord Byron (1788-1824) y John Keats (1795-1821). Estos escritores, en un contexto de guerra, ejercieron una influencia notable – especialmente Byron, quien murió luchando en la Guerra de Independencia de Grecia – en los textos históricos de militares y estadistas de mediados del siglo XIX. Un ejemplo destacado es *The Fifteen Decisive Battles of the World: From Marathon to Waterloo* (1851), de Edward Creasy. Su reconstrucción de la batalla en este libro de historia militar consolidó una interpretación decimonónica de uno de los primeros enfrentamientos militares entre griegos y persas, dirigida al público vitoriano. Este público, que llevaba más de tres décadas celebrando la victoria de la coalición liderada por los británicos bajo el mando del Duque de Wellington sobre el emperador francés, recibió una narrativa más amplia: la batalla de Maratón se inserta en una cadena de batallas decisivas que habrían cambiado la historia mundial. Este artículo analiza la

influencia de Byron en el retrato de la batalla elaborado por Creasy, en el que los griegos son presentados como la encarnación racional de la civilización occidental en sus inicios, mientras que los persas se identifican con un mundo asiático más antiguo, despótico y estático. El elogioso retrato de los primeros es un eco de la imagen romántica de los helenos que lucharon en su guerra de independencia (1821-1832). Por otro lado, los persas son asociados con los turcos otomanos, vistos como una gran amenaza frente a las entonces modestas fuerzas de Occidente. De este modo, se problematiza la afirmación universal de Creasy, quien, aunque nunca sistematizó una teoría de la historia, propuso una gran narrativa histórica que comienza con la batalla de Maratón, mediante una exégesis de su primer argumento.

Palabras clave: Edward Creasy Byron, Batalla de Maratón, historiografía británica, historia militar.

Abstract: The Battle of Marathon, fought between Athenians, Plateians and Achaemenids in 490 BCE, has been presented in modern times as one of the key moments in human history ever since the poetic statements by second-generation Romantics such as Lord Byron (1788-1824) and John Keats (1795-1821). They wrote against a backdrop of war and had a remarkable impact —especially Byron, who died fighting in the Greek War of Independence— on the historical writings by mid-19th century generals and statesmen like Edward Creasy’s *The Fifteen Decisive Battles of the World: From Marathon to Waterloo* (1851). The latter’s reconstruction of the battle consolidated a 19th-century view of the first military clash between Greeks and Persians and was addressed to a Victorian audience — who for more than three decades had been celebrating the victory of the British-led coalition under the command of the Duke of Wellington over the French emperor— with a broader message: the Battle of Marathon belongs to a historical narrative according to which a chain of decisive battles changed world history. This article offers an analysis of Byron’s influence on Creasy’s portrayal of the Battle of Marathon, in which the Greeks are presented as the rational embodiment of Western civilization and the Persians are depicted as belonging to an older, despotic and static Asian world. The laudatory portrayal that he presents of the former echoes the portrayal of the Greeks fighting in their War of Independence (1821-1832) by second-generation Romantics. As for the latter, it presents Ottoman Turks as a superb threat to the modest forces of the West. Finally, Creasy’s universal claim of a great historical narrative —although he never

systematized a theory of history— starting with the Battle of Marathon will be addressed through an exegesis of his very first argument.

Keywords: Edward Creasy, Byron, Battle of Marathon, British Historiography, Military History.

Para citar este artículo: Henrique MODANEZ DE SANT'ANNA: “Edward S. Creasy, Byron e a batalha de Maratona (490 AEC): uma reavaliação de *The Fifteen Decisive Battles of the World: From Marathon to Waterloo* (1851)”, *Revista Universitaria de Historia Militar*, Vol. 13, N° 27 (2024), pp. 125-157.

Recibido 03/02/2023

Aceptado 18/07/2024

Edward S. Creasy, Byron e a batalha de Maratona (490 AEC): uma reavaliação de *The Fifteen Decisive Battles of the World: From Marathon to Waterloo* (1851)

Henrique Modanez de Sant'Anna
Universidade de Brasília
modanez@unb.br

Edward S. Creasy e as histórias das batalhas decisivas

Conhecido dos historiadores militares, Edward S. Creasy dispensa longas notas biográficas. Tampouco este artigo se ocupa com sua biografia. Seu principal objetivo é o estudo crítico de seu pensamento sobre o mundo antigo, especificamente a representação da batalha de Maratona no livro *As quinze batalhas decisivas do mundo: de Maratona a Waterloo* (1851),¹ como dado essencial para o entendimento da possível influência de Byron em historiadores militares.² Todavia, a fim de informar o leitor a quem Creasy possa não ser familiar, destaca-se preliminarmente o essencial: que estudou em Cambridge até ser convocado para o serviço militar em 1837 e que, após atuar como juiz assistente em Westminster, tornou-se Professor de História na *University College London* e *Late Fellow* no *King's College*, em Cambridge. Em 1860, foi também nomeado Chefe de Justiça do então chamado Ceilão (atual Sri Lanka, país insular ao sul da Índia) e cavaleiro da Ordem do Império Britânico.

As quinze batalhas decisivas do mundo: de Maratona a Waterloo é sua obra mais conhecida de uma lista expressiva que inclui, mas não se limita a: *A ascensão e o progresso da Constituição inglesa* (1853);³ *História dos turcos otomanos, dos primórdios do seu*

¹ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World: From Marathon to Waterloo*, Mineola, Nova Iorque, Dover, 2008.

² A consolidação deste artigo coincide com o bicentenário da morte de Byron. O início de 2024 assistiu às convenções, exposições e aos simpósios globais sobre o impacto da sua obra. Desses, destacamos alguns: de 22 de janeiro a 20 de maio, Mostra Byron, organizada pela Drew University; nos dias 23 e 24 de fevereiro, *The Byrothon: a 24-hour reading of Lord Byron's works*, ocorrido no Trinity College, Cambridge; em 28 de fevereiro, *Byron Bicentenary Conference*, organizada pela Scottish National Portrait Gallery, em Edimburgo; em 17 de abril, *Byron All-dayer*, na British Library, evento promovido pela *The Byron Society* e *Wordsworth Trust*; em 26 e 27 de abril, *Newstead Abbey Byron Conference* e atividades culturais, uma promoção da *The Byron Society*; de 01 a 07 de julho, *48th International Byron Conference*, em Atenas. Uma lista completa pode ser consultada no sítio da *The Byron Society*: <https://www.thebyronsociety.com/global-bicentenary-celebrations/> [Consultado pela última vez em 16-06-2024].

³ Edward CREASY: *The rise and progress of the English constitution*, London, Richard Bentley and Son, 1853.

Império até o tempo presente (1854)⁴; e *História da Inglaterra, dos primórdios até o tempo presente* (em 5 volumes) (1869).⁵ Como homem de seu tempo, Creasy demonstrou grande interesse pela história de sua nação, cujas origens (assim como do restante do Ocidente europeu) remontariam à própria história da Antiguidade Clássica. Como historiador e jurista com experiência militar, entendeu que a força da Inglaterra era devida ao progressivo sucesso do Ocidente contra poderes asiáticos e de outras origens não europeias em suas várias tentativas de invadir e ocupar o território europeu. No limite, o registro da «guerra eterna entre o Ocidente e o Oriente» (ou entre a Ásia e Europa, em termos geográficos)⁶ faria parte do que Ceaşescu classificou, ao analisar o tema de modo otimista há mais de três décadas, como uma revolução na história do pensamento nascida com Hecateu de Mileto (em fragmentos) e consolidada com Heródoto.⁷ Aqui, o pensamento de Creasy não será tratado como mais um exemplo dessa longuíssima tradição historiográfica, mas como integrante não classicista da fileira de autores oitocentistas⁸ que instrumentalizaram o passado grego a ponto deste tornar-se uma quimera, se observado à luz dos impactos do Romantismo inglês na historiografia britânica de meados do século XIX.

A obra de que trata este artigo (apesar de o escopo estar reduzido a apenas uma das quinze batalhas) possui objetivo claro: compreender como a Europa barrou o avanço de forças despóticas, contrárias ao progresso humano, em uma narrativa de conflitos armados cuja relevância reside nas suas consequências. Com isso, esperava o autor fazer avançar a discussão sobre o poder das ações humanas como força motriz da história em meio às suas leis gerais.

O contexto histórico no qual foi concebida ajuda a compreender suas razões: entre 1848 e outubro de 1849, apenas alguns anos antes de sua publicação, a Europa foi tomada pela maior onda de revoluções em sua história, alastrando-se da Sicília às fronteiras do Império Russo. Trata-se da ascensão dos Estados nacionais, que surgiram em meio à luta pela destituição de muitas monarquias europeias, um claro produto histórico

⁴ Edward CREASY: *History of the Ottoman Turks: From the Beginning of Their Empire to the Present Time*, Londres, Richard Bentley and Son, 1878.

⁵ Edward CREASY: *History of England from the Earliest to the Present Time*, 5 volumes, Londres, J. Walton, 1869.

⁶ A inversão da ordem dos termos citados por Ceaşescu é proposital.

⁷ Gheorghe CEAŞESCU: «Un topos de la littérature antique: l'éternelle guerre entre l'Europe et l'Asie», *Latomus*, 50:2 (1991), pp. 327-341, p. 327. Aparentemente sem conhecimento de Creasy, ou talvez sem interesse em sua obra, Ceaşescu retoma a discussão sobre Heródoto onze páginas depois com a mesma ideia de protociência histórica imbuída de uma racionalidade grega que expelle o pensamento religioso de sua essência: «desde Heródoto», registra, «o esforço dos historiadores é de determinar a cadeia lógica no caos aparente do desenrolar dos eventos.» É de destacar sobretudo a crença num sentido imanente no curso da história. Gheorghe CEAŞESCU: «Un topos de la littérature antique...», p. 338.

⁸ A exemplo da monumental e pretensamente objetiva *A History of Greece; from the Earliest Period to the Close of the Generation Contemporary with Alexander the Great*, de George Grote, publicada em doze volumes entre 1846 e 1856. O impacto da obra de Grote na historiografia inglesa foi tal que a Universidade de Londres instituiu até mesmo um prêmio em seu nome, o *George Grote Prize in Ancient History*, em 1982.

da confluência dos seguintes fatores: o crescente conflito de classes; a escassez de alimentos e pobreza resultantes da industrialização; e o combate ao conservadorismo da política europeia desde as Guerras Napoleônicas (1803-1815).⁹ Especificamente no Reino Unido, destaca-se o movimento trabalhista de milhões de indivíduos em busca de reforma política conhecido como cartismo, iniciado em 1838 e suprimido tão somente em 1857.

Em uma época de revoluções e turbulência, o sentido da história passa a ser ainda mais fundamental e tende a alargar seus horizontes cronológicos.¹⁰ Em meados do século XIX, tal perspectiva de produção de sentido histórico unia-se, no pensamento de Creasy, à visão romântica acerca do papel do passado grego na história da Europa. Sua obra dá tanto sentido ao momento histórico no qual foi concebida quanto inaugura um gênero comum na historiografia militar oitocentista: o das batalhas que alegadamente mudaram os rumos da história da humanidade (marcada por diversas revoluções) e que dão testemunho da vitória da civilização sobre poderes barbáricos não ocidentais e sobre os desafios que eventualmente ela mesma se impôs. Era isso, pelo menos, que seus autores advogavam, e ainda hoje, em uma atualização do gênero no século XXI, outros autores advogam.

Em sua fase mais pujante (entre meados do século XIX e meados do século XX), pode-se contar dois exemplos clássicos além de Creasy: *Batalhas decisivas desde Waterloo*,¹¹ de Thomas Knox (1835-1896), e *Batalhas Decisivas do Mundo*,¹² de J.F.C. Fuller (1878-1966). Como argumentado pelo classicista norte-americano Victor Davis Hanson há pouco mais de vinte anos, esses compêndios procuravam demonstrar «como o curso da civilização se baseava em uma ou duas investidas bem-sucedidas em uma determinada batalha histórica», dando significado a «atos de covardia, bravura e sorte». Seriam essas as chamadas probabilidades humanas que conflitavam com «causas e efeitos maiores ou as correntes deterministas que ele [Creasy] chamou de fatalismo».¹³ Ademais, conclui Hanson na mesma passagem, tais batalhas decisivas serviam como objetos de estudo moral e ético, sendo possível transpor seu valor histórico para campos de discussão puramente filosóficos.

⁹ Simon AVERY: “1848 Springtime of the People”, *The Palgrave Encyclopedia of Victorian Women's Writing*, 2022, https://doi.org/10.1007/978-3-030-02721-6_285-1 [consultado pela última vez em 09-06-2024]

¹⁰ Exemplo análogo pode ser explorado em recente artigo sobre o historiador português Oliveira Martins e a recepção de Alexandre Magno em perspectiva historiográfica que mesclava hegelianismo ibérico e leitura oitocentista de Plutarco. Ver Henrique SANT'ANNA: “Oliveira Martins's Alexander the Great in O Helenismo e a civilização cristã: A Nineteenth-Century Portuguese Scholar between Plutarch and Hegelianism”, *E-Journal of Portuguese History*, 21 (2023), pp. 432-452.

¹¹ Thomas KNOX: *Decisive Battles Since Waterloo: The Most Important Military Events from 1815 to 1887*, Nova Iorque, G. P. Putnam's Sons, 1887.

¹² John FULLER: *The Decisive Battles of the Western World, and Their Influence Upon History*, Londres, Eyre & Spottiswoode, 1954.

¹³ Victor HANSON: *Carnage and Culture: Landmark Battles in the Rise of Western Power*, Nova Iorque, Anchor, 2001, pp. 43-44.

Já nos anos 2000, em uma atualização desse gênero historiográfico, destaca-se, nos Estados Unidos, a obra supracitada do próprio Hanson, intitulada *Carnificina e Cultura: batalhas decisivas na ascensão do poder ocidental* (2001).¹⁴ Esta, diferentemente das suas antecessoras, não procurou reviver as justificativas morais de Creasy, Knox ou Fuller. Antes, expandiu tematicamente uma tese do próprio autor sobre o modelo ocidental de guerra e almejou entregar, quando da atualização quase imediata da obra, uma mensagem de conforto ao público norte-americano após o ataque terrorista de 11 de setembro (apenas três semanas após o lançamento do livro). A obra, ainda que se vincule a esse gênero historiográfico e tenha passado por atualização necessária, teve repercussão positiva tão somente entre autores de ideologia neoconservadora nos Estados Unidos. As razões são várias, mas a principal delas é o abundante anacronismo de suas ideias e as conexões artificiais que estabelece com o passado clássico.¹⁵

Como argumentado por Modanez de Sant'Anna em artigo publicado em 2019 sobre a teoria de Hanson,¹⁶ seu crítico mais duro desde o lançamento de seu primeiro livro foi John Buckler, cuja reserva tomo a liberdade de reproduzir por elucidar até mesmo a chancela descuidada de John Keegan:

Seu livro é algumas vezes mais pessoal do que acadêmico na abordagem, o que impede qualquer compreensão menos apaixonada do tópico. O tratamento da batalha hoplítica é fraco sobre estratégia e táticas, mas Hanson francamente afirma no capítulo 3 que esses assuntos não são essenciais ao seu tema. Da mesma forma, seu conhecimento de topografia grega é muito limitado.¹⁷ [...]

Uma fraqueza considerável do livro é a conceitual. Hanson mantém (p. 4-5, 15) que o hoplita era um pequeno proprietário, e não um aristocrata, ao passo que as fontes provam precisamente o oposto. Em termos de método, ele corretamente critica (p. 6) os acadêmicos modernos que ignoram a topografia. Ainda assim, admite (p. 5) que suas próprias incursões foram limitadas à Ática. Assim, ele é culpado exatamente da crítica que faz a outros.

A introdução, feita por John Keegan, merece menção breve. Não é prazeroso dizer que ela é, infelizmente, incompetente e equivocada com relação aos

¹⁴ Outro exemplo, mas no mundo ibérico, é João Gouveia MONTEIRO: *Grandes Conflitos da História da Europa*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2014. Monteiro principia com a batalha de Gaugamela (331 AEC) e conclui com a batalha de Hastings (1066 EC).

¹⁵ Agradeço a um dos avaliadores da *RUHM* pela recomendação. Minha apresentação textual desta recomendação pegou emprestada até mesmo suas palavras.

¹⁶ Henrique SANT'ANNA: "O modelo ocidental de guerra revisitado: méritos e problemas de uma teoria militar", *Archai Journal*, 26 (2019), pp. 1-23, pp. 16-17.

¹⁷ John BUCKLER, J.: "The Western Way of War: by Victor Davis Hanson", *The Journal of Military History* 55: 2 (1991), pp. 237-238, p. 237; trad. minha.

aspectos políticos e sociais da história militar grega. Keegan afirma (p. xii) que a democracia e a batalha de hoplítica eram inseparáveis. Ao invés disso, virtualmente toda batalha grega importante foi travada por democratas e oligarcas, ou combinações disso. Todas elas eram batalhas hoplíticas padrão. Na realidade, a guerra hoplítica ocorreu entre aristocratas ou outros membros das classes superiores, entre os quais ela se originou no período arcaico e continuou durante o clássico, algo que Hanson também não soube apreciar. Apenas os mais ricos possuíam os meios para comprar o equipamento caro e o tempo [necessário] para aprender a usá-lo.¹⁸

O sucesso de longo prazo desse gênero historiográfico oitocentista, apesar de (ou por causa de) obras ideologicamente orientadas como a de Hanson, persiste mesmo entre acadêmicos das Humanidades: Jean Elshtain (1941-2013), por exemplo, falecida eticista, filósofa política, professora na Universidade de Chicago e autora de *As Mulheres e a Guerra*,¹⁹ afirmou sobre *Carnificina e Cultura* que, «ao lado de John Keegan», Hanson é «nosso historiador da guerra mais interessante.»²⁰

No caso de Creasy, um século e meio antes de Hanson, interessava compreender o impacto histórico das seguintes batalhas (além da batalha de Maratona, que desencadearia uma verdadeira história militar do Ocidente)²¹: a derrota dos atenienses em Siracusa (413 AEC), a batalha de Arbela (331 AEC), a batalha do Metauro (207 AEC), a vitória de Armínio sobre as legiões romanas de Varo (9 EC), a batalha de Châlons (451 EC), a batalha de Poitiers (732 EC), a batalha de Hastings (1066), a vitória de Joana d'Arc sobre os ingleses em Orleans (1429), a derrota da Armada Espanhola (1588), a batalha de Blenheim (1704), a batalha de Pultowa (1709), a vitória dos norte-americanos sobre Burgoyne em Saratoga (1777), a batalha de Valmy (1792) e a batalha de Waterloo (1815).²²

Essas batalhas, analisadas em conjunto, expressariam o valor moral dos combatentes, sua «grandeza inegável na coragem disciplinada e no amor à honra» e os «poderes do intelecto humano», raramente «exibidos com mais pujança do que no comandante, que», segundo o autor, «regula, organiza e maneja à sua vontade essas massas de combatentes armados». O general, prossegue Creasy, «frio e ousado, em meio ao perigo»

¹⁸ John BUCKLER, J.: “The Western Way of War: by Victor Davis Hanson”, *The Journal of Military History* 55: 2 (1991), pp. 237-238, p. 237-238; trad. minha.

¹⁹ Jean ELSHTAIN: *Women and War*, Chicago, The Chicago University Press, 1987. Neste livro, Elshtain destaca como mitos sobre homens e mulheres, ou antes sobre seus papéis na sociedade (a mulher como «bela alma» e o homem como «guerreiro justo»), perpetuam posições sociais que incidem diretamente sobre a participação de indivíduos na atividade militar.

²⁰ Tal qual registrado na página do próprio Hanson: <https://victorhanson.com/carnage-and-culture-landmark-battles-in-the-rise-to-western-power/> Acesso em: 03 de fevereiro de 2023.

²¹ Ver, por exemplo, Peter KRENTZ, *The Battle of Marathon*, New Haven, Yale University Press, 2010, p. 10.

²² Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 7.

refletiria sobre a situação e tomaria suas decisões conforme exigiam «as vicissitudes da tempestade da matança» (literalmente, mantendo-se o tom poético do original: *as the vicissitudes of the storm of slaughter require*).²³

Além disso, a relevância dessas batalhas, «independentemente do valor moral dos combatentes», repousaria em uma espécie de efeito duradouro das mesmas. Há, segundo ele, uma cadeia de causas e consequências, bem como espaço para a ação humana. Interessava saber «como o efeito dessas colisões não se limita a uma única época, mas pode dar um impulso que influenciará o destino de sucessivas gerações da humanidade». Considerava-se, também, a «disciplina mental que é assim adquirida e pela qual somos treinados não apenas a observar o que foi e o que é, mas também a refletir sobre o que poderia ter sido». Trata-se de uma valorização pouco sistemática da história contrafactual, ou, posto de modo simples, da tentadora formulação «*what if*». No limite, considerando-se a instrução histórica nesses termos, interessava não tanto a fortuna de um general quanto a sua *proairesis*, ou escolha, preferência, resolução.²⁴

Por fim, cumpre destacar que a escolha de certas batalhas, procedimento e condição da existência desse gênero historiográfico, não depende do número de feridos e mortos. Este seria, na verdade, um equívoco primário na interpretação da obra de Creasy. A batalha de Maratona, por exemplo, é mais relevante porque teria definido a superioridade militar (tática, essencialmente) e do espírito combativo grego. Como consequência, o que classifica como «ambição asiática» havia sido barrada, «antes que Salamina e Plateia confirmassem a superioridade dos Estados livres europeus sobre o despotismo oriental». ²⁵ A questão, portanto, importa também uma discussão moral que dá corpo à tese do autor.

É precisamente este retrato da batalha de Maratona que nos interessa, não tanto pela inclinação imperialista do autor, mas pela instrumentalização político-cultural do passado grego em uma análise que se vincula à discussão moral importada da visão romântica de Byron sobre um dos mais relevantes²⁶ conflitos entre gregos e persas. Creasy projeta, como argumentado em seguida, atributos, valores, expectativas e, sobretudo, um grau de dinamismo e racionalidade protocientífica dificilmente detectáveis na Antiguidade helênica senão como eventual propaganda política ateniense relida mais tarde pelos românticos ingleses. Ainda assim, a propaganda ateniense enfatizará, especificamente na oração fúnebre de Péricles, documentada nos capítulos trigésimo quinto ao quadragésimo sexto do livro segundo de Tucídides, a defesa da liberdade na democracia,

²³ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 10. Tradução minha, assim como para todos os demais trechos da obra citados.

²⁴ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 11,13.

²⁵ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 15.

²⁶ Especialmente em razão da imaginação posterior a seu respeito, em exercício de história contrafactual europeia. Ver Peter KRENTZ: op. cit., p. 172-175.

a abertura aos estrangeiros como oposição à «cortina de ferro» espartana, o treinamento militar e a adaptabilidade dos atenienses perante às adversidades.²⁷

Ecos byronianos sobre o mundo grego antigo

Em sua leitura da Antiguidade, Creasy expressava visão do mundo grego similar à de Byron, por cuja poesia nutria evidente admiração. Essa espécie de arrebatamento literário que o acometia não era, evidentemente, exclusividade sua. Inúmeros intelectuais europeus e não europeus da época experimentaram o mesmo, ao menos desde o sucesso meteórico de Byron em 1812. Com efeito, Howard Jones fez bem ao recordar, em texto publicado como resultado de uma conferência proferida na Universidade do Texas por ocasião do centenário da morte de Byron, uma longa lista de fatos incontestáveis sobre a extensa influência do poeta:

[...] quando observamos a vasta extensão geográfica da voga byroniana, incluindo toda a Europa, da Noruega e Rússia à Itália e Espanha; quando lembramos que Byron tem sido poderoso em literaturas tão pouco conhecidas como a literatura boémia, catalã e grega moderna; quando nos damos conta de que entre aqueles que lhe imitam [literalmente, *who have paid to him the tribute of imitation*] estão grandes nomes como Pushkin, Wergeland, Heine, Victor Hugo, Lamartine, Balzac, de Vigny, de Musset, Foscolo, Dumas, Pindemonte, Duque de Rivas, Poe e Espronceda; quando lembramos que Byron era lido, imitado e admirado em vastos territórios das repúblicas hispano-americanas e no Brasil; quando incluímos, como devemos, os territórios infindáveis do Império Britânico e a vasta área dos Estados Unidos nas fronteiras desse Império, podemos dizer com justiça que de todas as grandes figuras literárias do século XIX – Whitman, Hugo, Tolstoi, Ibsen, Goethe, Zola – nenhuma excedeu Byron no alcance e poder da sua influência literária.²⁸

A clássica lista elaborada por Jones há um século esclarece que o mapeamento sistemático do lastro da obra byroniana é tarefa hercúlea e, segundo a proposta deste artigo, contraproducente e inviável. Também não se limita o impacto da obra de Byron à literatura. De fato, em 1981, Paul Trueblood publicou os *proceedings* de um simpósio

²⁷ TUCÍDIDES: *History of the Peloponnesian War, Volume I: Books 1-2*. Tradução de C. F. Smith. Loeb Classical Library 108, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1919.

²⁸ Howard JONES: “The influence of Byron”, *Texas Review*, 9: 3 (1924), pp. 170-171. Especificamente sobre a influência de Byron na literatura estadunidense, de onde Jones é oriundo (nasceu em Michigan e se aposentou como *Abbot Lawrence Lowell Professor* de Humanidades na Universidade Harvard), ver Maria SCHOINA: “Byron and Nineteenth-Century Literary Philhellenism in America”, *European Journal of American Studies*, 17: 1 (2022), pp. 1-10.

intitulado *Byron's Political and Cultural Influence in Nineteenth-Century Europe*, resultado de contribuições de acadêmicos oriundos da Inglaterra, França, Alemanha, Grécia, Itália, Polônia, Portugal, Rússia, Espanha e Suíça («países europeus nos quais a influência de Byron parece ter sido mais evidente e ampla»)²⁹. Nesse estudo, concluiu seu organizador, «em toda a Europa, a voz de Byron foi a voz da liberdade [à letra: *the Trumpet Voice of Liberty*], já que Byron se tornou o verdadeiro poeta laureado da liberdade política».³⁰ De forma embaraçosamente eurocêntrica, na mesma página é citado o famoso tributo de Sir Herbert Grierson (crítico literário escocês falecido em 1960) a Byron: «Quando foi à Grécia, não foi apenas [como] um homem e um nobre inglês, mas [como] uma Força na Europa [literalmente, a *Power in Europe*].»³¹ A influência de Byron avançava rapidamente das letras ao pensamento político europeu que se consolidava nas décadas após a batalha de Waterloo,³² e Creasy é exemplo disso.

No Reino Unido, sua influência está bem documentada em: Letitia Elizabeth Landon (1802-1838), poetisa e romancista fundamental para a compreensão da transição do Romantismo para a literatura vitoriana, além de «uma figura central na disseminação de Byron e da influência byroniana de meados da década de 1820 a 1840»;³³ Robert Browning (1812-1889), poeta e dramaturgo conhecido especialmente por sua coleção de poemas dramáticos (*Dramatis Personae*, 1864) e por seu poema épico de 21.000 linhas, publicado em quatro volumes, intitulado *The Ring and the Book* (1868-1869)³⁴; Matthew Arnold (1822-1888), poeta que tinha Byron, como posto por Matthew Ward, «como um exemplo do que queria ser, bem como – de forma mais negativa – do que estava propenso a ser, do que não conseguia viver ou queria evitar se tornar»;³⁵ Algernon Charles Swinburne (1837-1909), poeta controverso conhecido especialmente por sua primeira série de poemas (*Poems and Ballads*), publicada no mesmo ano que seu

²⁹ Paul TRUEBLOOD: *Byron's Political and Cultural Influence in Nineteenth-Century Europe*, London and Basingstoke, Macmillan, 1981, p. xi.

³⁰ Paul TRUEBLOOD: op. cit., p. 203.

³¹ Ibidem.

³² Há uma série de anedotas relativas à morte de Byron que decidi suprimir, mas que podem, de modo complementar, ilustrar o argumento da sua influência na vida cotidiana de muitos europeus. Em artigo publicado há cem anos (ver nota 28), Jones registra, por exemplo, que um jovem poeta inglês cujo nome não fornece, ao saber da morte de Byron, correu da sua casa em direção à floresta e lá, com um graveto como única companhia, escreveu várias vezes na terra que Byron havia morrido («Byron is dead»). Howard JONES: op. cit., p. 171.

³³ Sarah WOOTTON: “In-Between Byrons: Byronic Legacies in Women’s Poetry of the Late Romantic to Mid-Victorian Era”, em Clare BUCKNELL and Matthew WARD (eds.), *Byron Among the English Poets: Literary Tradition and Poetic Legacy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021, pp. 235-250.

³⁴ Sua esposa desde 1846, Elizabeth Barrett (1806-1861), cumpre registrar, escrevera um poema sobre a batalha de Maratona em 1820, quando tinha apenas 14 anos de idade. Sobre Robert Browning e Byron, ver Jane STABLER: “Byron and Browning: Something and Nothing”, em Clare BUCKNELL and Matthew WARD (eds.), *Byron Among the English Poets: Literary Tradition and Poetic Legacy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021, pp. 251-268.

³⁵ Matthew WARD: “Arnold’s Ambivalence and Byron’s Force and Fire”, em Clare BUCKNELL and Matthew WARD (eds.), *Byron Among the English Poets: Literary Tradition and Poetic Legacy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021, pp. 269-286.

compêndio de poesia byroniana (*Selection from the Works of Lord Byron*, 1866);³⁶ e, já no século XX, Wystan Hugh Auden (1907-1973), muito influente no século passado, centrado em questões morais e que emigrou para viver nos Estados Unidos pouco antes da deflagração da Segunda Guerra Mundial.³⁷

Na obra de Creasy (recorde-se sua vida e morte: 1812-1878), não surpreendentemente, apenas em *As quinze batalhas decisivas do mundo: de Maratona a Waterloo* Byron é citado um total de sete vezes. A primeira delas ocorre já no prefácio da obra, a fim de argumentar que qualidades (militares, no caso) emergem dos menos aos mais nobres da espécie humana indistintamente. Segundo ele, «*É a Causa que faz tudo, degrada ou santifica a coragem em sua queda*». ³⁸ Trata-se de passagem de *A Ilha*, de 1823,³⁹ poema tardio de Byron frequentemente visto na literatura como um episódio infeliz na idealização romântica do bom selvagem e, portanto, sobre o qual pouco se escreveu.⁴⁰ Uma parte do poema foi baseada nas narrativas do tenente William Bligh sobre a revolta de sua tripulação no Oceano Pacífico, em um evento conhecido como Motim do HMS Bounty, da Marinha Real Britânica; a outra, no relato de William Mariner sobre as Ilhas de Tonga, também no Pacífico.

A segunda e terceira citações pertencem ao mesmo poema e estão no capítulo dedicado à batalha de Metauro, como epígrafe e no texto principal do capítulo, respectivamente. Em primeiro, destacou-se as observações de Byron sobre a fama (ou, antes, a infâmia) do imperador Nero como tendo ironicamente se sobreposto ao gênio militar do cônsul homônimo que derrotara Asdrúbal nas Guerras Púnicas. Em segundo, aludiu-se à qualificação da marcha de Nero (o cônsul da era republicana, não o imperador) como inigualável, tendo em consideração a magnitude de suas consequências.⁴¹ A epígrafe, que contextualiza e direciona a mais comedida citação no texto principal do capítulo, lê-se da seguinte forma: «Mas a infâmia de um ofuscou a glória do outro. Quando o nome de Nero é ouvido, quem pensa no cônsul?». ⁴² E tem como espelho poético os seguintes versos de Byron:

³⁶ Sobre Swinburne e Byron, ver Richard CRONIN: “A. C. Swinburne and Byron’s Bad Ear”, em Clare BUCKNELL and Matthew WARD (eds.), *Byron Among the English Poets: Literary Tradition and Poetic Legacy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021, pp. 287-302.

³⁷ Sobre Auden e Byron, ver Seamus PERRY: “What Auden Made of Byron”, em Clare BUCKNELL and Matthew WARD (eds.), *Byron Among the English Poets: Literary Tradition and Poetic Legacy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021, pp. 303-316; Gregory DOWLING: “Byron Among Our Contemporaries”, em Clare BUCKNELL and Matthew WARD (eds.), *Byron Among the English Poets: Literary Tradition and Poetic Legacy*, Cambridge, Cambridge University Press, 2021, pp. 332-346.

³⁸ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 10.

³⁹ George GORDON: *Byron: Poetical Works*, Londres, Oxford University Press, 1904, p. 364.

⁴⁰ James MCKUSICK: “The Politics of Language in Byron’s the Island”, *English Literary History*, 59: 4 (1992), pp. 839-856, p. 839.

⁴¹ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 266.

⁴² Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 203.

Pois a mesma alma que abre caminho para mover-se,
Se criada para tal, não pode encontrar mais presas
Além de si mesma, e deve refazer seu curso,
Mergulhando em busca de prazer na dor: o mesmo
Espírito que fez um Nero, de Roma a pior
vergonha,
Um Estado mais humilde e disciplina interior,
Tinha formado sua gloriosa e homônima
contrapartida;
Mas conceda seus vícios, conceda-lhes todos,
Quão pequeno é o seu teatro sem trono!⁴³

Sobre o historiador, então, pesaria a responsabilidade do discernimento entre eventos famosos pelas razões mais absurdas e aqueles que, de fato, teriam relevância na reconstrução do passado. Trata-se da mesma lógica aplicada à escolha da batalha de Maratona: interessam os eventos cujas consequências mudaram os rumos da história. O conhecimento de Creasy acerca deste tardio e academicamente pouco discutido poema de Byron reforça nosso argumento sobre a influência do segundo sobre o primeiro, especialmente sobre sua visão de mundo clássico. Nessa mesma passagem, Creasy se apropria dos versos nos quais é apresentada a figura de um simples amotinado (literalmente: *A blooming boy, a truant mutineer*) a partir da contraposição de características dos homens do norte e do sul, vistas por meio de identificáveis configurações de orientalismo.⁴⁴ O passado clássico, no pensamento de Creasy, se constitui em uma zona cinzenta situada entre o mau uso das fontes antigas (vide debate, na seção seguinte, sobre efebria ateniense), a influência de Byron e a experiência imperialista britânica.

A quarta citação de Byron dá-se, mais uma vez, em uma epígrafe, precisamente a do capítulo dedicado à batalha de Pultowa, na qual uma coalizão liderada pelo czarismo da Rússia contestou a supremacia do Império Sueco no norte, centro e leste da Europa durante a chamada Grande Guerra do Norte (1700-1721).⁴⁵ Trata-se de um trecho de *Mazepa*, poema narrativo com 869 versos, composto em 1819 e baseado na vida de Ivan Mazepa (1639-1709), líder militar da Ucrânia e, no poema, em sua juventude, amante de uma condessa polonesa casada com um homem muito mais velho. Em síntese: ao descobrir o caso extraconjugal, o conde traído decide punir o jovem Mazepa ao amarrá-lo nu a um cavalo errante, sendo esta desventura o tema central do poema.

⁴³ George GORDON: op. cit., p. 354. Tradução minha.

⁴⁴ Susan OLIVER: *Scott, Byron and the Poetics of Cultural Encounter*, Londres, Palgrave Macmillan, 2005, p. 156.

⁴⁵ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 658.

Creasy interessa-se particularmente pelos primeiros cinco versos da primeira estrofe,⁴⁶ que anunciam o resultado da batalha e o ponto de partida do poema.

A quinta citação é a primeira de duas retiradas de um dos poemas mais famosos de Byron: *A Peregrinação de Childe Harold*, em quatro partes, iniciado na Albânia e com elementos marcadamente autobiográficos, embora Byron tenha feito registrar, em um dos prefácios ao poema, datado de fevereiro de 1812, que «Harold é fruto da imaginação».⁴⁷ *Childe* é aqui utilizado por ele com conotação medieval, de modo a caracterizar o filho de um nobre cujo título de cavaleiro ainda não havia sido atribuído. O poema descreve as aventuras de um jovem desiludido em terras estrangeiras e expressa, sobremaneira, os sentimentos de toda uma geração nos últimos anos das Guerras Napoleônicas.

Creasy adapta um verso do terceiro canto, no qual Byron alude a Waterloo: «*Tu o primeiro e o ultimo dos campos, Victoria de monarchas creadora.*»⁴⁸. Mais adiante, em sua nota 250, ainda no capítulo dedicado a Waterloo, cita sete estrofes inteiras do mesmo poema, cuja reprodução completa aqui não se faz necessária para o argumento desenvolvido. Uma observação, no entanto, é indispensável: trata-se do trecho que antecede a violenta batalha, cujo resultado, embora poeticamente apresentado, não poderia ter sido mais sangrento:

[...] se cobre de outra terra a terra,
 Qu'inda em montões a cobrirá, guardando
 Cavalleiro e cavallo, amigo e imigo,
 Na ensanguentada cóva confundidos.⁴⁹

A última citação a ser destacada (na verdade, a segunda por ordem de ocorrência na obra, mas a última a ser introduzida na lista porque trata especificamente do caso ateniense) é, de novo, uma citação de *A Peregrinação de Childe Harold*. E registra-se, enfim, no capítulo dedicado à batalha de Maratona. Em um parágrafo sobre a perda da invencibilidade dos comandantes persas⁵⁰ (uma interpolação para aumentar o efeito retórico do seu texto), em sua vigésima primeira nota, Creasy adiciona o seguinte:

⁴⁶ George GORDON: op. cit., p. 341.

⁴⁷ George GORDON: op. cit., p. 179.

⁴⁸ Francisco GUIMARAES: *Traduções Poéticas. Childe Harold e Sardanapalo, de Lord Byron; O Roubo da Madeixa, de Pope; Hernani, de Victor Hugo*, Rio de Janeiro, Laemmert, 1863, p. 125; Edward CREASY: op. cit., p. 799. Os trechos citados por meio da obra de Guimarães são traduções dele.

⁴⁹ Francisco GUIMARAES: op. cit., p. 131; Edward CREASY: op. cit., p. 1012.

⁵⁰ «Finalmente, os senhores da Ásia, até então invictos, viraram as costas e fugiram, e os gregos os seguiram, derrubando-os, até a beira da água, onde os invasores estavam agora zarpando apressadamente suas naus, procurando embarcar e bater em retirada.» Edward CREASY: op. cit., p.72.

Foge o Medo sem frechas, rôto o arco,
De rubra lança ardente Grego o segue,
Montes em cima, embaixo mar e campo,
Morte em frente e na retaguarda excídio;
Tal fôra o quadro, agora o que alli resta?⁵¹

Em Byron, a reflexão do personagem sobre a situação política da Grécia ganha corpo no septuagésimo terceiro verso do segundo canto. Começa com um lamento e termina, dezessete estrofes depois, com um amálgama de exaltação de Maratona e da liberdade helênica, a mesma parcialmente destacada por Creasy, mas também de pranto pelos tesouros perdidos:⁵² da miséria da servidão, da conseqüente perda da sua humanidade em razão da conquista turco-otomana, passa Byron à persistência de uma antiga e nobre herança clássica, nos olhos helênicos faiscando com saudosismo dos tempos de outrora, para então delinear o grande desafio do seu tempo. Trata-se do levante dos cidadãos gregos, então súditos de um império opressor, cujo patriotismo deverá levar, como em Maratona, à liberdade da nação grega, humilhada e saqueada por séculos. Exalta o poeta, então, na octogésima quarta estrofe, a bravura do espartano, a educação militar de Epaminondas, o coração dos atenienses (o “valor dos atenienses” é algo replicado por Creasy) e a força das mães gregas. Esta última é provavelmente uma alusão a um *topos* literário antigo, resumido, por exemplo, na resposta dada por Gorgo, a famosa rainha espartana, na última seção do décimo quarto capítulo da *Vida de Licurgo*, escrita por Plutarco no século II E.C., quando interpelada por uma mulher estrangeira a respeito da liderança das espartanas sobre os seus homens: «Sim, somos as únicas que damos à luz homens». ⁵³ Byron conclui seu raciocínio com uma exaltação do solo grego, das suas façanhas em Maratona, cuja voz mágica rememora a fuga dos persas, «sem frechas, rôto o arco», perseguidos pelo grego «de rubra lança ardente». E então lamenta a depredação resultante da guerra, de modo a incitar o levante helênico; o saque dos seus tesouros e a violação dos seus bastiões são citados, portanto, em tom pranteado.⁵⁴

Creasy compartilhava com Byron e outros românticos de décadas anteriores às suas uma visão característica sobre a Grécia Antiga. Ressalte-se que Byron morreu em abril de 1824, a centenas de quilômetros da sua casa e da sua família, após adoecer em um terrível cerco na Grécia central.⁵⁵ Pereceu por uma ideia, conforme registram Ian Morris e Barry Powell em seu livro sobre a Grécia Antiga, «por uma visão do antigo

⁵¹ Francisco GUIMARAES: op. cit., p. 110; Edward CREASY: op. cit., pp. 963-964.

⁵² Francisco GUIMARAES: op. cit., pp. 102-110.

⁵³ PLUTARCO: *Lives, Volume I: Theseus and Romulus. Lycurgus and Numa. Solon and Publicola*. Tradução de Bernadotte Perrin. Loeb Classical Library 46, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1914.

⁵⁴ Francisco GUIMARAES: op. cit., pp. 102-110.

⁵⁵ Ver Roderick BEATON: *Byron's War: Romantic Rebellion, Greek Revolution*, Cambridge: Cambridge University Press, 2013, pp. 247-263.

espírito grego». ⁵⁶ Morreu, afinal, como partícipe inexperiente da guerra de independência helênica contra o Império Otomano, também conhecida como Revolução Grega (1821-1832). Mesmo sem experiência militar suficiente, engajou-se e deu a vida lutando por uma ideia de civilização grega, ou antes pelo que acreditava ser o baluarte da Europa ocidental na Antiguidade. Estava, portanto, motivado pela defesa de um ideal de civilização clássica (tal qual concebida desde o Renascimento) com benefícios universais para a humanidade.

Evidência disso pode ser encontrada também no interesse que Byron demonstrou pela canção *Δεῦτε παῖδες*, de autoria de Rigas Feraios (1757-1798), para a qual forneceu uma tradução inglesa sem, no entanto, traduzir seu título (algo como «Por aqui, jovens»). Com efeito, Feraios viveu no contexto do chamado Iluminismo neo-helênico, que serviu para consolidar a consciência nacional grega e fomentar o levante contra a dominação otomana. Trata-se de uma versão local do Iluminismo associada ao contato da sociedade grega com a filosofia e o pensamento político europeu, conforme explicado por Patiniotis em seu capítulo sobre o tema no volume 312 dos Estudos de Boston em Filosofia e História da Ciência. ⁵⁷ Da mesma forma que o pensamento grego se aproximava do iluminista, argumenta, criando uma versão deste, o Romantismo finda por ser outra instância crucial da reconstrução em retrospectiva do Iluminismo, malgrado todas as críticas em torno do tratamento de ambos como movimentos homogêneos. ⁵⁸ O interesse do poeta inglês, portanto, se apresenta em conformidade com esta noção.

No trecho da canção traduzido por Byron, por fim, o coro chama a atenção para o seu tema central: *Sons of Greeks! let us go, in arms against the foe, till their hated blood shall flow, in a river past our feet* (mantém-se o original inglês por corresponder já a uma tradução do grego por Byron). Embora a tradução de Byron não possua datação na edição de Gordon, provavelmente foi realizada em algum momento entre 1810 e 1811, a julgar pela tradução do poema *Donzela de Atenas, antes de partirmos*, de 1810, dedicado a uma jovem ateniense, aparentemente Teresa Makri (1797-1875). Há, ainda, duas tímidas traduções de dois trechos da Medeia, de Eurípidés, uma sem data, outra de junho de 1810. ⁵⁹ Mais importante para o argumento desenvolvido neste artigo, no entanto, é o fato de que esses esforços literários aclaram sua fé na defesa da liberdade da nação helênica como equivalente à defesa de valores universais.

Tal idealização fora compartilhada com outros contemporâneos seus, como John Keats (1795-1821), que, aos 24 anos, igualmente viu na arte e na literatura gregas

⁵⁶ Ian MORRIS e Barry POWELL (eds.): *The Greeks. History, culture and society*. Upper Saddle River, Nova Jersey: Pearson Education, 2010, pp. 1-3.

⁵⁷ Manolis PATINIOTIS: “Neo-Hellenic Enlightenment: In Search of a European Identity”, em Theodore ARABATZIS, Juergen RENN e Ana SIMÕES (eds.), *Relocating the History of Science: Essays in Honor of Kostas Gavroglu*, Cham, Springer, 2015, pp. 117-130.

⁵⁸ Manolis PATINIOTIS: op. cit., p. 118.

⁵⁹ George GORDON: op. cit., pp. 60-61.

«verdades atemporais que revelavam o sentido da vida.»⁶⁰ Não foi sem razão que este registrou, ao admirar a estética da cerâmica grega (nenhum vaso em particular, mas um conjunto abstratamente organizado em seu pensamento), o que acreditava ser «as verdades supremas do mundo», testemunhos de «um mundo simples e puro de amor e verdade.» A quinta estrofe de sua *Ode a uma urna grega*, escrita em 1819, um ano antes de ser diagnosticado com tuberculose em estágio avançado e dois anos antes de morrer da doença em Roma, esclarece suficientemente a questão. Nela, eternizaram-se os famosos versos que indicam a tentativa de universalizar o apreço estético da arte grega:

«A beleza é a verdade, a verdade a beleza»
— É tudo o que há para saber, e nada mais.⁶¹

Esta visão de mundo, portanto, caracteriza parte do Romantismo inglês no que respeita à sua proximidade com o mundo clássico e eleva os gregos ao pedestal de desenvolvimento humano contraposto à mal compreendida cultura do antigo Oriente Próximo. Os gregos antigos experimentariam, assim, um amálgama de universalidade estética, liberdade de espírito e racionalidade protocientífica dificilmente sustentáveis fora do discurso oitocentista que parecia acreditar em um tipo de milagre intelectual grego. No tempo de Creasy, tal visão de mundo era ubíqua e inescapável entre muitos intelectuais europeus, se se tencionasse alcançar a densidade esperada na compreensão dos processos de formação histórica segundo os parâmetros oitocentistas pós-Waterloo. Ele mesmo, jurista e historiador, nutria, em campo literário vizinho, a mesma quimera oitocentista de Byron, Keats e tantos outros, tendo sido mais impactado pelo primeiro, conforme demonstrado. E seu mergulho no mundo clássico principia, em campo historiográfico, com uma interpretação da batalha de Maratona, razão pela qual a exegese do seu argumento torna-se fundamental para o cumprimento do propósito deste artigo. Afinal, no que diz respeito tão somente ao mundo grego antigo, nas palavras de Krentz ao analisar Creasy, «Maratona tornou Salamina (480 AEC) concebível e Plateia (479) possível.»⁶² E seus impactos na narrativa deste não se encerram ali.

O valor dos atenienses

O relato de Creasy sobre a batalha de Maratona, com 72 páginas, principia com uma citação parcial sem tradução e referência, em forma de epígrafe, da *Eneida*:

⁶⁰ Ian MORRIS e Barry POWELL (eds.): op. cit. 1-3.

⁶¹ John KEATS: *The Complete Poems of John Keats*. Nova Iorque, The Modern Library, 2000, p. 627. Os dois versos foram traduzidos por Augusto de Campos. Byron, não coincidentemente, possui um brevíssimo poema sobre a morte de John Keats, composto em julho de 1821. George GORDON: op. cit., p. 108.

⁶² Peter KRENTZ: op. cit., p. 175.

*Quibus actus uterque
Europae atque Asiae fatis concurrerit orbis.*⁶³

Trata-se dos versos 222 a 227 do canto sétimo:

Sobre os campos ideus que atroz borrasca
Desfechou de Micenas, por que impulsos
D'Asia e Europa os dois orbes se encontraram,
Quem quer o ouviu que nos confins da terra
Seja além do oceano, ou se entre as quatro
Na zona extensa o torre iníquo Febo.⁶⁴

É com um tipo moderno de espírito virgiliano que Creasy enxerga o choque de exércitos em Maratona. Longe de ser meramente o conflito entre um pequeno exército persa e uma força militar grega de apenas duas cidades, Maratona poria dois mundos em contato por séculos e definiria os rumos da história universal. Segundo Creasy, do resultado de suas deliberações dependia «todo o progresso futuro da civilização humana». ⁶⁵ Seu relato é vívido e procura expressar o sentimento mais íntimo dos soldados gregos, ao mesmo tempo em que destaca sua ingênua ignorância sobre o significado histórico da batalha que estavam prestes a travar. Afinal, «tinham, de fato, um profundo motivo de ansiedade, embora pouco conscientes do quão importantes foram para a humanidade os votos que estavam prestes a fazer.»⁶⁶ É precisamente essa ignorância que torna o resultado ainda mais memorável: quanto mais soubessem (hipoteticamente) a respeito dos desdobramentos futuros da batalha, mais fácil teria sido sua decisão. Era preciso exaltar, então, a veia democrática da defesa do seu território e dos seus valores, que depois se revelariam, segundo Creasy, universais e inseparáveis do progresso da humanidade.

Do lado oposto (militarmente e culturalmente), encontravam-se dispostas as tropas de um poderoso império que havia «despedaçado e escravizado» praticamente todos os reinos e demais poderes do mundo habitado.⁶⁷ O representante do Grande Rei

⁶³ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p.20. Trecho mantido em latim conforme citação de Creasy, porém sublinhado a seguir no destaque completo de *Eneida* 7.220-227.

⁶⁴ VIRGÍLIO: *Aeneid: Books 7-12. Appendix Vergiliana*. Tradução de H. Rushton Fairclough. Revisão de G. P. Goold. Loeb Classical Library 64, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1918. No trecho em questão, adotou-se a tradução do poeta brasileiro Odorico Mendes, conforme Projeto do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, que conta com digitação de Robson Tadeu Cesila e revisão final de Paulo Sérgio de Vasconcellos: <https://www.unicamp.br/iel/projetos/OdoricoMendes/>.

⁶⁵ Edward CREASY, Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 20.

⁶⁶ *Ibidem*.

⁶⁷ Conforme sugerido por um dos avaliadores da RUHM, deve-se destacar a ironia dessa visão. Tomando emprestadas muitas das suas palavras, registro em nota seus justos questionamentos: o que pensariam sobre

carregava consigo mensagem histórica inconfundível: como mensageiro ou anfitrião do déspota, estava ali para despejar sua cólera sobre a pequena comunidade que, em sua insolência, ousou desafiar um império. Como recorda Creasy, metade da vingança já havia sido concretizada; restava apenas a punição aos atenienses. E estes sabiam da (suposta) presença de Hípias, seu antigo tirano, nas fileiras persas.⁶⁸ Pierre Briant, em sua história do Império Persa, recorda uma informação relevante a esse respeito em Heródoto: foi Hípias quem escolheu o plano de Maratona (6.102) e dirigiu as operações de desembarque e acantonamento (6.107)! Isto confirma, defende Briant, que ele ocupava o lugar de conselheiro militar.⁶⁹

O próximo passo narrativo em *The Fifteen Decisive Battles of the World*, estabelecida a certeza do embate, é a estimativa das tropas envolvidas. Creasy cita suas fontes, mas não as conhece bem. Sobre o serviço militar grego, por exemplo, afirma: «Todo grego livre foi treinado para o serviço militar: e, das incessantes guerras de fronteira entre os diferentes Estados», conclui, «poucos gregos atingiram a idade adulta sem ter servido».⁷⁰ Ora, o que Creasy descreve nesse trecho é a efebria ateniense do século IV AEC, e que ele erroneamente (seu segundo erro sobre a mesma instituição) estende a todo o território grego.⁷¹ Conforme registrado no verbete *epheboi* do *Oxford Classical Dictionary*, ainda que se possa conceber a improbabilidade da ausência de um sistema de treinamento militar em Atenas antes do século IV AEC, a efebria – tal qual a conhecemos pelas fontes atenienses – data do período tardo-clássico e ganha contornos mais abrangentes somente no século seguinte, quando supostamente tornou-se um «traço universal da polis». Ainda assim, supondo que a afirmação da sua universalidade Helenística não constitua um exagero baseado na velha ideia que toma Atenas como modelo para as demais cidades gregas, nenhuma inscrição sobre a instituição foi datada como sendo anterior a 334 AEC. A ideia de universalidade pode ser um equívoco também pela sua prematuridade.

Outro dado relevante para a análise do duplo erro de Creasy sobre a efebria é o que se sabe acerca da sua transformação ainda na Atenas do século IV AEC: em 305 AEC, deixou de ser compulsória, tendo sido reduzida a apenas um ano em 282 AEC.

esta liberdade os escravos atenienses de Laurion, os hilotas espartanos, os *penestai* da Tessália ou os clarotes (população subjugada de Creta) cretenses. Quão fascinante é, então, perceber a extrapolação de uma visão moderna sobre Atenas para todo o mundo grego!

⁶⁸ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 22. A história de Hípias e seu irmão Hiparco, filhos e sucessores do tirano Pisístrato, é conhecida especialmente a partir do relato de Tucídides (6.59). Em 2022, Sonya Nevin recontou a história em seu livro sobre a ideia de Maratona, da ascensão dos irmãos ao tiranicídio que sucedeu a contenda aristocrática ateniense mais tarde celebrada como marco para o regime democrático na cidade. Sonya NEVIN: *The Idea of Marathon: Battle and Culture*, Londres, Bloomsbury, 2022, p. 6-8. O casamento de Hípias com a filha do tirano de Lampsaco, antiga rival de Atenas, é também mencionado como complemento ao argumento do seu afastamento de Atenas. Ver Sonya NEVIN: *The Idea of...*, p. 13.

⁶⁹ Pierre BRIANT: *Histoire de l'empire perse: de Cyrus à Alexandre*, Paris, Fayard, 1996, p. 420.

⁷⁰ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 23.

⁷¹ Devo uma vez mais essa ressalva a um dos avaliadores da RUHM.

Após isso, por fim, assemelhava-se mais a uma «associação de jovens ‘cavaleiros’ com um treinamento intelectual (superficial)» que funcionava como complemento ao treinamento militar básico e atlético do cidadão.⁷²

Quanto às fontes antigas que registram o contingente envolvido na batalha, Creasy cita nominalmente Justino e Plutarco, com estimativa de 10.000 atenienses.⁷³ A consulta a ambos confirma a informação dada, ainda que o mesmo Creasy não deposite muita confiança em seus cálculos isolados. Para se ter certeza sobre quantos lutaram em Maratona, diz, é preciso estimar também a população masculina adulta de Atenas apta ao serviço militar (não mais de 30.000 homens em seu ápice, segundo argumenta), o recrutamento de metecos na ocasião e o fato de que muitos dos melhores soldados (em equipamento e treinamento) deveriam permanecer na cidade para sua eventual defesa e nas fortificações em território ático.⁷⁴ Assim, a estimativa do exército grego de Maratona não é apenas um dado sensível; sua composição é de difícil precisão.

Com relação à estimativa para as tropas persas, Sonya Nevi afirma:

Lísias [em *Epitaphios*] cita 500.000 homens no exército persa. Esta figura é pensada para significar «um grande número». O número aumenta quando a história é passada adiante. Isso serve a um propósito útil e dá resultado. No início havia uma sensação de que os persas eram uma máquina militar imparável de guerreiros indomáveis. Com o tempo, após suas derrotas, eles começaram a ser mencionados de forma mais depreciativa. Ainda assim, não é muito elogioso dizer que os atenienses derrotaram um exército de covardes. Como se pode manter a ideia de sua incompetência e a conquista dos atenienses? Enfatiza-se o grande número de incompetentes. Os números tornam-se a característica do inimigo, não a habilidade ou a coragem.⁷⁵

A validade das informações sobre as tropas gregas para o relato de Creasy cumpre função metodológica, assim como o efeito retórico geral dos números persas, identificável desde a Antiguidade, mas serve especialmente à sua ideia de que gregos (não os melhores, ou necessariamente os mais bem preparados e equipados) derrotaram os persas em um dos seus primeiros conflitos armados na Europa como uma espécie de destino manifesto do Ocidente em sua infância. De fato, os atenienses não foram auxiliados

⁷² Simon HORNBLLOWER e Antony SPAWFORTH: “ephēboi”, em *Oxford Classical Dictionary*, Oxford, University Press, 2015. URL: <https://oxfordre.com/classics/view/10.1093/acrefore/9780199381135.001.0001/acrefore-9780199381135-e-2420> [consultado pela última vez em 16-06-2024]

⁷³ Discussão detalhada acerca das principais fontes antigas sobre Maratona pode ser consultada em Peter KRENTZ: op. cit., pp. 177-179.

⁷⁴ Aqui tem-se mais um exemplo dos erros de Creasy por desconhecimento cronológico da história militar ateniense. Tais fortificações datam em sua maioria do século IV AEC. Agradeço a um dos avaliadores da RUHM pela observação.

⁷⁵ Sonya NEVIN: *The Idea of...*, p. 140. Cf. Peter KRENTZ: op. cit., pp. 91-92.

prontamente pelos seus rivais à altura, os espartanos, mas de última hora e pelos plateus!⁷⁶ Estes haviam recebido proteção ateniense contra os tebanos alguns anos antes. Voluntariamente, ou motivados por uma obrigação moral, foram ao socorro dos seus benfeitores. «Corajosos», «não convocados», apresentaram-se na casa dos mil, com «espírito galante» que deve ter sido multiplicado pelos atenienses. Eram, afinal, aliados fracos, mas ao mesmo tempo de grande valor.⁷⁷

Em número de onze mil hoplitas e contingente provavelmente maior de auxiliares, sem qualquer suporte de tropas montadas e arqueiros, os gregos testemunharam incontáveis tendas e embarcações persas sob o comando do rei do mundo oriental (à letra: *the King of the Eastern world*). Sobre o assunto, Creasy se apoia absolutamente no relato de Justino, sobre o qual não levanta questionamentos por não haver razão para duvidar do que parece ser um claro exagero. Segundo ele, três questões inibiam os gregos: a desvantagem numérica, a reputação de invencibilidade dos persas⁷⁸ e a posição vantajosa que os últimos ocupavam no campo de batalha. Considerava-se imprudência, diz, «descer à planície para ser pisoteado pelo cavalo asiático, esmagado pelo arco e flecha ou cortado em pedaços pelos invencíveis veteranos». ⁷⁹ Nem mesmo Esparta os apoiava, ou pelo menos não se importava o suficiente para aparecer tempestivamente. O que, então, esperar de prospecto tão negativo?

Creasy pausa a narrativa mais uma vez para destacar o vínculo artificial entre a história antiga dos gregos e a sua própria, que confunde propositadamente com a história do mundo (ao menos o mundo que importa para ele, e antes, de maneira visceral, para Byron): «[...] felizmente para Atenas e para o mundo, um deles era um homem [...] daquele carácter enérgico que imprime seu próprio tipo [...]». ⁸⁰ Tratava-se de Milcíades. ⁸¹ Suas palavras são insubstituíveis na expressão da ideia: «o sangue de Aquiles corria nas

⁷⁶ Se os plateus totalizavam mil soldados, conforme fontes tardias anunciam, argumenta Krentz, então tropas levemente armadas também estavam presentes. Peter KRENTZ: op. cit., p. 108. Breve síntese do debate arqueológico sobre a «tumba dos plateus» é apresentada por Krentz mais adiante. Ver Peter KRENTZ: op. cit., pp. 129-130.

⁷⁷ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 25.

⁷⁸ Segundo Krentz, «Creasy não esqueceu que os persas invadiram a Grécia novamente dez anos depois com mais navios e mais homens. Maratona não acabou com as esperanças persas de conquistar a Grécia. Plateia fez isso, e sem Salamina não teria existido Plateia. [...] Maratona tornou Salamina concebível e Plateia possível.» Peter KRENTZ: op. cit., p. 175.

⁷⁹ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 28.

⁸⁰ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 29.

⁸¹ Sobre Milcíades, ver Peter KRENTZ: op. cit., p. 78: «Seu tio, de quem recebeu o nome, afirmava ser descendente do herói da Guerra de Tróia, Ajax. Este Milcíades mais velho, filho de Cipselo, venceu a corrida de quadrigas nos Jogos Olímpicos, uma indicação clara de sua riqueza. Veio para Quersoneso a pedido dos moradores locais, que se encontravam em uma dura guerra com seus vizinhos do norte. Atenas já havia demonstrado interesse pela porção norte do território ao conquistar uma cidade do outro lado do estreito. Por isso, fazia sentido que os locais procurassem Atenas, onde poderiam encontrar um homem ambicioso que pudesse trazer reforços suficientes para vencer a guerra.» Recentemente, ver Giorgia PROIETTI: *Prima di Erodoto. Aspetti della memoria delle Guerre persiane*, Stuttgart, Verlag, 2021, pp. 408-412.

veias do herói de Maratona». ⁸² Em tempos pretéritos um «cliente» de Dario, agora tornava-se seu maior flagelo. E por isso a cólera do rei, embora dirigida à cidade de Atenas, estava especificamente direcionada, na narrativa de Creasy, a este homem.

É imbuído de espírito similar que narra, paralelamente, também a intervenção de John Spork, comandante da cavalaria imperial alcunhado «Ajax austríaco». ⁸³ Na batalha de São Gotardo (também conhecida como batalha de Mogersdorf), travada entre um exército Habsburgo comandado por Montecuccoli e um exército otomano sob o comando de Ahmed ao primeiro dia de agosto de 1664, Spork teria inconscientemente emulado Milcíades em seu «genuíno desejo ocidental» por uma batalha justa contra os inimigos. Na ocasião, ele teria se prostrado diante dos seus homens no momento mais crítico e desfavorável da batalha e rogado a deus com as seguintes palavras: «Oh, poderoso Generalíssimo, que estás nas alturas, se não queres hoje ajudar teus filhos, os cristãos, pelo menos não ajudes esses cães, os turcos [...]». ⁸⁴ Creasy entende esta atitude não como um pedido de intervenção em favor dos cristãos (leia-se, dos ocidentais), mas como mero pedido de luta justa. O Ajax austríaco, ele conclui, não poderia ter sequer compreendido o espírito homérico do qual se revestiu como sujeito histórico. ⁸⁵ Como Milcíades, emanava a simplicidade de um ateniense do período clássico com traços de herói homérico, tornando-se uma espécie de símbolo do espírito combativo ocidental, mesmo sem ter conhecimento da língua grega. Por fim, da mesma forma que os persas de Dario, os otomanos desconheciam o sabor amargo da derrota até Mogersdorf: eles «não tinham conhecimento das suas próprias deficiências», registra, e por isso «ficaram entusiasmados com as vantagens que até então haviam conquistado sob Ahmed Kiuprili». ⁸⁶

Em relatos como este de Maratona, que claramente foram concebidos à luz de grande imaginação, é esperado que a narrativa se concentre nos feitos de indivíduos heroicos. Trata-se de sua versão do «coração dos atenienses», destacado por Byron em *A Peregrinação de Childe Harold*. Além de Milcíades, portanto, Creasy enfatiza o papel de outros dois atenienses: Temístocles e Aristides. ⁸⁷ O primeiro, que propôs a utilização de recursos atenienses para a construção de embarcações que pudessem repelir os persas em uma futura invasão (o que, de fato, ocorrera em 480 AEC), é visto como o «futuro fundador da marinha ateniense e o destinado vencedor de Salamina»; o segundo, como o comandante triunfante das tropas atenienses em Plateia. Sobre Temístocles, há ainda

⁸² Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 29.

⁸³ Edward CREASY: *History of the Ottoman Turks...*, p. 282.

⁸⁴ Edward CREASY: *History of the Ottoman Turks...*, p. 281.

⁸⁵ Spork tornou-se conde por ordem do imperador após a batalha, título que sempre colocou depois de seu nome familiar, por alegar que era antes um Spork e somente então um conde.

⁸⁶ Edward CREASY: *History of the Ottoman Turks...*, p. 281.

⁸⁷ O relato antigo sobre Temístocles e Aristides como modelo de colaboração foi reinventado diversas vezes na história, servindo, por exemplo, de inspiração para a escrita até mesmo de dois livros para o público infantil: *Mission to Marathon* (1997), do autor britânico Geoffrey Trease, e o ilustrado (por Daniel Minter) *The First Marathon: The Legend of Pheidippides* (2006), de Susan Reynolds. Ver Sonya NEVIN: *The Idea of...*, p. 185.

mais imaginação por parte do autor, que contradiz o silêncio das fontes antigas e as extrapola negativamente, em um esforço de satisfazer seus próprios desejos de saber como ele pode ter influenciado a decisão estratégica de Maratona:

Mas pelo caráter de Temístocles, sua ousadia e seu gênio intuitivo para improvisar as melhores medidas em todas as emergências (uma qualidade que o maior dos historiadores atribui a ele além de todos os seus contemporâneos), podemos muito bem acreditar que o voto de Temístocles foi em favor de uma ação rápida e decisiva.⁸⁸

Interessante notar que, em meio a essa especulação, Creasy entenda ser especulativo o papel de Aristides no desenho estratégico dos atenienses. «Sobre o voto de Aristides pode ser mais difícil especular», argumenta, e à sua segunda especulação (a primeira autodeclarada) adiciona tão somente a suposta predileção do ateniense por Esparta. Os votos dos atenienses, desempatados por Calímaco na tomada de decisão sobre a tática a adotar, teriam decidido o «destino de todas as nações».⁸⁹ Nesse momento, o centésimo nono capítulo do sexto livro (*Érato*) das *Histórias* de Heródoto é citado diretamente, especificamente o registro que faz do discurso apaixonado de Milcíades a Calímaco, cujas palavras apelam para a defesa da liberdade e da glória militar, bem como para a oportunidade que Atenas tinha de se tornar a primeira cidade da Grécia e para o temor de que Hípias (aconselhando os persas) pudesse se vingar dos atenienses.⁹⁰ Creasy toma o discurso como prova de que Heródoto havia conversado com Epizelo, veterano da batalha de Maratona, devido ao que entende ser sua «evidência interna de autenticidade».⁹¹ Em seu entendimento, a audácia e irreverência de certas expressões não são características de Heródoto, mas da personalidade de Milcíades! Somente se proferidas por ele, as palavras no discurso de Heródoto poderiam ter sido preservadas e passadas adiante.

O Oriente imaginado e repudiado

A batalha de Maratona, então, oporia uma cidade a um império. Mais do que isso: um império do antigo Oriente Próximo, cuja vastidão remontaria aos experimentos com o despotismo na história das primeiras civilizações e ao contraste asiático que tanto se destacava nos tempos e nas obras de Byron e Creasy. Ambas dão testemunho desse lugar comum. Trata-se de uma ideia associada à de «despotismo oriental», cujas origens remontam à própria Antiguidade Clássica, especificamente ao pensamento aristotélico.

⁸⁸ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 35.

⁸⁹ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 36.

⁹⁰ HERÓDOTO: *The Persian Wars, Volume III: Books 5-7*. Tradução de A. D. Godley. Loeb Classical Library 119, Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1922.

⁹¹ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, pp. 959-960.

Mais tarde, essa ideia foi alimentada pela experiência histórica europeia em território asiático e encontrou terreno fértil no pensamento iluminista, a exemplo de Montesquieu e, depois, também nos escritos de Hegel, Marx (com seu «modo de produção asiático»), Weber e Wittfogel. Embora abandonada com justiça nos dias de hoje, permanece ainda como peça relevante para a compreensão do pensamento europeu do século XIX e de parte do século XX. Conforme argumenta Rolando Minuti, de cujo texto o mapeamento presente nas duas sentenças anteriores foi retirado, «a história do despotismo oriental não é apenas uma ideia filosófica e política única», mas também – e, acrescentaria, sobremaneira – «uma história de atitudes culturais, representações, interesses concretos, interações e experiências diretas.»⁹²

Em seu aprofundamento textual sobre Maratona, Creasy registra o que se deve citar diretamente para ilustrar o argumento:

[...] antes que se encontre qualquer vestígio de que os habitantes do resto do mundo tenham emergido da mais rude barbárie, podemos perceber que impérios poderosos floresceram no continente asiático. Eles aparecem diante de nós através do crepúsculo da história primitiva, turvos e indistintos, porém robustos e majestosos, como montanhas ao amanhecer.

Todavia, em lugar da infinita variedade e da mudança incansável que caracterizaram as instituições e o destino dos Estados europeus desde o início da civilização do nosso continente, uma uniformidade monótona permeia as histórias de quase todos os impérios orientais, dos mais antigos aos mais recentes. Caracterizam-se pela rapidez de suas primeiras conquistas; pela imensa extensão dos domínios neles compreendidos; pelo estabelecimento de um sistema de sátrapas ou paxás de governo das províncias; por uma degeneração invariável e rápida dos príncipes da casa real, os produtos efeminados do serralho que sucediam os soberanos guerreiros criados no acampamento militar; e pela anarquia e pelas insurreições internas que indicam e aceleram o declínio e a queda dessas desajeitadas e mal organizadas fábricas de poder.⁹³

Creasy entende que os governos de todos os grandes impérios asiáticos tenham sido absolutismos, com a vida social desses povos corrompida pela poligamia. Isso impediria, segundo ele, qualquer tipo de constituição política virtuosa. Sendo impossível separar a religião de Estado de toda a legislação associada, e tendo os chefes das famílias

⁹² Rolando MINUTI: “Oriental Despotism”, *European History Online* (EGO), publicada pelo Leibniz Institute of European History (IEG), 2012-05-03. URL: <http://www.ieg-ego.eu/minutir-2012-en> [consultado pela última vez em 24-04-2023].

⁹³ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, pp. 41-43.

persas se tornado déspotas domésticos, era inevitável, em sua leitura distorcida do mundo asiático, que a mesma «obediência abjeta» (palavras dele) fosse demonstrada ao rei.⁹⁴ Em contrapartida, a Grécia antiga, e conseqüentemente o Ocidente europeu em seus modestos primórdios, havia se tornado efetivamente uma quimera oitocentista a partir do seu plano de reconstrução retrospectiva dos valores modernos como valores universais.

Não é sem razão que, como desdobramento dessa quimera, «o desenvolvimento interno do Império Aquemênida foi considerado», nas palavras de Pierre Briant, «quase unanimemente como uma longa decadência após as derrotas nas Guerras Persas.»⁹⁵ Briant cita, entre outros, o orientalista francês James Darmesteter (1849-1894). Este, em sua *Leçon Inaugurale no Collège de France* em 1885, descreveu uma erosão que mesclava o «despotismo» Aquemênida como «um princípio de morte que degrada e aniquila o indivíduo», e as derrotas para os gregos como «historicamente justas» e um bem para a humanidade!⁹⁶

Partindo dessa depreciação romântica (porque herdeira do Romantismo inglês) do mundo asiático, Creasy entende estar apto não apenas a «apreciar a repulsa que a Grécia deu às armas do Oriente», mas, sobretudo, «a julgar as prováveis conseqüências para a civilização humana, se os persas tivessem subjogado a Europa».⁹⁷ Vista como realidade histórica objetiva do passado europeu, a Grécia antiga formava a «vanguarda natural da liberdade europeia contra a ambição persa», tendo demonstrado já traços do nacionalismo que, segundo o autor, fizeram dos Estados europeus corpos políticos superiores (a menção literal é à civilização europeia) aos vastos impérios orientais, antigos ou modernos, persa ou otomano (enfrentado por Byron).

Embora os gregos tenham recebido o que ele classifica como rudimentos da vida civilizada a partir do seu contato com os povos do antigo Oriente Próximo, especialmente os fenícios na Sicília; malgrado tenham assimilado e adaptado muitas das narrativas míticas mais antigas à sua própria poesia (são conhecidas, desde meados do século XIX, as intersecções entre os épicos homéricos e a epopeia de Gilgamesh), os gregos jamais criaram um tipo de casta sacerdotal em sua organização social. Teriam sido, portanto, primeiramente governados por reis hereditários, cuja efemeridade nunca permitiu a ascensão de monarcas absolutos, para em seguida experimentarem instituições cívicas que asseguravam «uma variedade infinita do equilíbrio ou a predominância alternada entre princípios oligárquicos e democráticos.»⁹⁸ Os gregos, «versáteis, inquietos,

⁹⁴ Ibidem.

⁹⁵ Pierre BRIANT, *From Cyrus to Seleukos: Studies in Achaemenid and Hellenistic History*, Leiden, Brill, 2018, p. 94.

⁹⁶ Pierre BRIANT, *From Cyrus to Seleukos...*, p. 95.

⁹⁷ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 44.

⁹⁸ É importante destacar que Creasy publicou seu livro cerca de duas décadas antes do início das controvérsias arqueológicas envolvendo Heinrich Schliemann em Tróia, Micenas e outras cidades e, mais tarde, Arthur Evans em Creta.

empreendedores e autoconfiantes», funcionariam como o contraste mais memorável da «habitual quietude e submissão dos orientais». ⁹⁹

Por muito tempo essa visão predominou nos estudos clássicos e orientais. Nos estudos sobre o Egito Lágida, a título de exemplo, até a publicação de investigações como a de Joseph Manning, da Universidade Yale, entendia-se o governo ptolemaico a partir de uma apreciação da documentação que evidenciava decisões unilaterais da elite greco-macedônica e de seus descendentes em Alexandria. ¹⁰⁰ Presumia-se equivocadamente a submissão e a passividade das elites sacerdotais locais, bem como da população não falante de grego que ela, de certa forma, representava. Tencionava-se conhecer a totalidade do Egito helenístico a partir de um corpus documental majoritariamente em grego *koiné*, dialeto comum suprarregional no mundo helenístico (difundido na Ásia e no Egito após a conquista militar de Alexandre Magno), ¹⁰¹ cujos últimos textos datam do século II EC, ¹⁰² pensado por e para a elite falante de grego concentrada em Alexandria. Desconsiderava-se, assim, muito do que se produzia fora desse centro do poder político, por exemplo, em demótico. Da mesma forma, os estudos militares do período clássico grego resumiram-se por muito tempo (especialmente no século XIX) às impressões dos gregos sobre eles mesmos e sobre os povos asiáticos que se opuseram a eles desde Maratona ou desde a revolta de 494 AEC, que deu causa à invasão persa alguns anos mais tarde. ¹⁰³ A alegada passividade, quietude e submissão dos povos do Oriente

⁹⁹ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 45.

¹⁰⁰ Ver Joseph MANNING: *The Last Pharaohs: Egypt Under the Ptolemies, 305-30 BC*. Princeton, Princeton University Press, 2009.

¹⁰¹ Donald MASTRONARDE: *Introduction to Attic Greek*, Berkeley e Los Angeles, University of California Press, 2003, p. 5. O autor, na mesma página, complementa com o seguinte: «a partir de meados do século IV», registra, «o grego falado inicia um longo e gradual processo de mudança que afeta a pronúncia, a acentuação, o vocabulário e a sintaxe, com o *koiné* eventualmente substituindo os antigos dialetos.»

¹⁰² Stephen COLVIN: *A Historical Greek Reader: Mycenaean to the Koiné*, Oxford, The University Press, 2007, p. vi. Os fatores complicadores dessa datação são apresentados pelo próprio autor mais adiante: «É difícil dizer quando termina o *koiné*. A cultura linguística dos falantes de grego passou por uma mudança significativa nos séculos I-II d.C., quando a elite fez um esforço para emular o ático clássico, e *koiné* tornou-se, em comparação, um termo desfavorecido.» pp. 65-66.

¹⁰³ Ver Herman WALLINGA: “The Ionian Revolt”, *Mnemosyne*, 37: 3/4 (1984), pp. 401–37. Trata-se de estudo sistemático de quase quarenta páginas sobre o assunto, que parte do levantamento bibliográfico feito previamente por Pierluigi Tozzi em 1978. Ver Pierluigi TOZZI: *La rivolta ionica*. Pisa, Giardini, 1978. Este último lista um total de 125 referências, metade das quais apenas no período situado entre 1945 e 1978. Mais recentemente, consultar Reinhold BICHLER e Robert ROLLINGER: “Greek and Latin Sources”, em Bruno JACOBS e Robert ROLLINGER (eds.), *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*, vol. 1, Hoboken, NJ, 2021, pp. 169-185, p. 170; e o panorama histórico feito por Mischa MEIER: “The Greek World”, em Bruno JACOBS e Robert ROLLINGER (eds.), *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*, vol. 1, Hoboken, NJ, 2021, pp. 623-637, pp. 627-631. Na mesma coletânea, Robert Rollinger e Julian Degen afirmaram que «Com a intervenção ateniense na Revolta Jônica, os gregos desafiaram a autoconcepção do Império», razão pela qual se pode compreender, em olhar historiográfico retrospectivo, que o relato grego tenha dominado por tanto tempo a narrativa profissional do embate com os persas. Ver Robert ROLLINGER e Julian DEGEN: “The Establishment of the Achaemenid Empire: Darius I, Xerxes I, and Artaxerxes I”, em Bruno JACOBS e Robert ROLLINGER (eds.), *A Companion to the Achaemenid Persian Empire*, vol. 1, Hoboken,

Próximo, nos termos de Creasy, hoje um grave erro metodológico e parte de uma visão preconceituosa do mundo antigo, no tempo do autor estudado constituía uma herança direta do Romantismo inglês.

Tal visão de mundo oitocentista não costuma esboçar timidez ao propor comparações absurdas de grande alcance histórico, amiúde ecoando o tom poético da influência de românticos como Byron. E em sua narrativa, como argumentado anteriormente, Creasy lançava mão também de exercícios de história contrafactual. A esse respeito, destaca-se seu próprio raciocínio:

As energias da Europa, ainda em sua infância, teriam sido pisoteadas sob a conquista universal; e a história do mundo, como a história da Ásia, teria se tornado um mero registro da ascensão e queda de dinastias despóticas, das incursões de hordas bárbaras e da prostração mental e política de milhões sob o diadema, a tiara e a espada.¹⁰⁴

Milcíades salva o dia e a Europa

Contrariamente, atribuiu-se a indivíduos como Milcíades qualidade visionária,¹⁰⁵ além de consciência da superioridade técnica (armamento e organização) dos gregos, ou antes da fina casca de invencibilidade que os persas apresentavam diante dos seus inimigos.¹⁰⁶ Creasy atribui ao seu herói de Maratona a capacidade de entender que «o grosso de suas tropas não consistia mais dos robustos pastores e montanheses da Pérsia e do Curdistão»; agora, conclui, os contingentes de Dario eram os povos subjulgados que lutavam «mais por compulsão do que por qualquer zelo pela causa dos seus senhores».¹⁰⁷

A Milcíades é creditada até mesmo a defesa dos valores nascentes atenienses que tanto marcaram o apreço de tempos posteriores pela civilização helênica: a liberdade (ver nota 67 para a ironia dessa visão) e a democracia, embora o governo democrático estivesse ainda em sua infância e fosse, para os padrões modernos, altamente excludente. Democracia, nos seus primórdios, sugeria mais um governo que envolvia o bloco de não aristocratas que tinham condições de arcar com os custos da panóplia de um soldado de infantaria pesadamente armada do que propriamente o governo de todos os cidadãos de Atenas. Em sentido estrito, significava o governo dos mais pobres na

NJ, 2021, pp. 429-456, p. 436. Por fim, ver especialmente com relação à discussão feita sobre os possíveis números de embarcações envolvidas no conflito. Peter KRENTZ: op. cit., p. 72-73.

James MCKUSICK: “The Politics of Language in Byron’s the Island”, *English Literary History*, 59: 4 (1992), pp. 839-856, p. 839.

¹⁰⁴ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, pp. 60-61.

¹⁰⁵ Cf. Peter KRENTZ: op. cit., p. 142-152 para um balanço historiográfico equilibrado a respeito da tática ateniense.

¹⁰⁶ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, pp. 60-61.

¹⁰⁷ *Ibidem*.

comunidade de cidadãos, mas nem tanto, e não o governo da maioria. Para imputar a defesa dos valores democráticos a um ateniense dos anos 490, Creasy precisava, primeiro, se servir de Heródoto, que sequer era ateniense e que escrevera nos anos 420 (*a nearly contemporaneous historian*, nas palavras do autor)¹⁰⁸. Em seguida, era preciso lançar mão de uma poderosa analogia cuja elasticidade pretendia alcançar a identificação com a defesa da liberdade cavaleiresca por John Barbour no século XIV¹⁰⁹.

O poema de Barbour, em 14.000 linhas octossilábicas e preservado tão somente em dois manuscritos, um na biblioteca do *St. John's College*, Universidade de Cambridge, outro na *Advocates Library*, em Edimburgo, no trecho utilizado por Creasy relata a tomada da Escócia por Eduardo I da Inglaterra, entre 1292-1296, após a contenda sucessória que se seguiu à morte de Alexandre III da Escócia em 1286. Em sua completude, o poema é um relato cavaleiresco das ações de Roberto I (1274-1329) e Sir James Douglas (1286-1330) nas Guerras de Independência da Escócia. Creasy via, entre os atenienses, preocupação análoga com a intervenção militar e a dominação política de um poderio estrangeiro, apesar do grande salto imaginativo (e até mesmo forçosamente poético!) da Atenas de Milcíades à Escócia de Roberto de Bruce.

Inflamados, então, pela defesa da liberdade democrática contra o invasor persa, em um dia desconhecido de setembro de 490, liderados por Milcíades, os atenienses decidiram travar uma batalha decisiva. Na narrativa de Creasy, até mesmo os elementos sagrados do local teriam sido calculados «para estimular os espíritos dos homens». Em primeiro, argumenta, Maratona era uma região sagrada para Hércules. Em segundo, havia nas proximidades a fonte de Macária, filha de Hades na tradição helênica que preservou o arcaico mito grego da boa morte ou de Hércules, em Eurípides, segundo o qual ela se doara em sacrifício para salvar a cidade que a acolheu no fim da perseguição dos filhos de Hércules por Euristeu, rei de Tirinto e Micenas. Seguiu-se ao contado no mito um rito fúnebre em honra de Macária, tendo a fonte sido batizada como tal em razão de sua morte heroica. Em terceiro, a planície de Maratona estava ainda associada a Teseu, herói ateniense. Essas tradições, registra Creasy, «não eram meros mitos nebulosos ou ficções ociosas, mas questões de fé implícita e sincera para os homens daquela época». Fica sem resposta, especialmente após trechos como este, a pergunta que investe contra as ingênuas certezas do autor: como estimar algo tão íntimo como a fé implícita e sincera de homens mortos há cerca de 2.500 anos, de cujas vidas temos apenas relatos de terceiros, senão pela ingênua projeção da nossa própria? Nessa passagem, fé e encarnação da racionalidade moderna projetada em retrospectiva se misturam convenientemente.¹¹⁰

¹⁰⁸ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 62.

¹⁰⁹ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 962.

¹¹⁰ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 64.

Dispostos em campo de batalha em uma linha de frente estendida de modo a «cobrir todo o terreno praticável», com flancos devidamente guarnecidos, os gregos (plateus na ala esquerda, Calímaco no comando da ala direita, Temístocles e Aristides no comando do centro da formação) deram início à marcha cadenciada dos seus soldados de infantaria pesadamente armada ao som do instrumento e após presságios auspiciosos.¹¹¹ Marcharam, no entanto, de maneira acelerada para encurtar a distância o mais rápido possível, evitando assim as manobras de cavalaria ou os danos causados pelas flechas disparadas.¹¹² Segundo o centésimo décimo segundo capítulo do sexto livro das *Histórias* de Heródoto, embora os persas tenham tomado os gregos por «loucos e marchando ao encontro de uma morte certa»¹¹³, a tática funcionou apesar da sua longa duração e plenitude de revezes. Em resumo, as fileiras no centro da formação grega foram desbaratadas, mas as duas alas compostas por atenienses e plateus lograram sucesso e foram capazes de cercar o restante das forças persas que haviam se concentrado no centro da formação.¹¹⁴

Creasy entende a derrota persa a partir da inquestionável superioridade do equipamento grego,¹¹⁵ mas também considera alguns fatores menos palpáveis e de natureza psicológica. Segundo ele, à exceção dos contingentes verdadeiramente persas, não havia entre as tropas invasoras nenhuma causa nacional que os inspirasse, tampouco qualquer «uniformidade de idioma, credo, raça ou sistema militar.»¹¹⁶ E cita Byron uma vez mais para retratar, como suporte ao texto principal, a fuga das tropas persas até suas embarcações.¹¹⁷

Finalmente, os gregos impuseram aos persas uma pesada derrota que teria resultados duradouros para ambos os lados. Do lado persa, seriam necessários precisamente dez anos para uma nova campanha contra os gregos, dessa vez sob o comando de Xerxes, e somente após a supressão de uma (a segunda) amarga revolta egípcia (c. 487-484

¹¹¹ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, pp. 64-65.

¹¹² A ideia de que não houve participação de tropas montadas persas é herdeira direta da enciclopédia bizantina conhecida como Suda, embora em outras fontes tardias não haja consenso a esse respeito. Ver discussão em Peter KRENTZ: op. cit., pp. 140-142.

¹¹³ HERÓDOTO: op. cit., 6.112. O termo associado para retratar a insensatez ou loucura dos atenienses é mesmo *mania*, que em outros contextos poderia significar entusiasmo, frenesi ou paixão. Na passagem de Heródoto, no entanto, segundo o dicionário grego LSJ, significa explicitamente «loucura» (*madness*). Ver Henry George LIDDELL e Robert SCOTT: *A Greek-English Lexicon*. Revisado e aumentado por Sir Henry Stuart Jones com a assistência de Roderick McKenzie, Oxford, Clarendon Press, 1940.

¹¹⁴ HERÓDOTO: op. cit., 6.113.

¹¹⁵ Destaca-se, por exemplo, que os persas combatiam com escudos leves de vime, destituídos de armadura corporal, e com lanças mais curtas. Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 71. Sobre o tema do equipamento persa no contexto da batalha de Maratona e de suas releituras, ver Sonya NEVIN: *The Idea of...*, p. 121, 162.

¹¹⁶ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 69.

¹¹⁷ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 963.

AEC)¹¹⁸. Apesar do intervalo de uma década, é indiscutível que a vitória grega em Maratona «praticamente garantiu que uma expedição persa maior fosse enviada contra eles», como recordou recentemente Roel Konijnendijk.¹¹⁹ Do lado grego, durante a perseguição às tropas persas no calor da batalha, pereceram Calímaco e muitos outros atenienses, incluindo o irmão de Ésquilo. Adicionalmente, a vitória em Maratona foi amplamente utilizada pelos atenienses em sua propaganda imperial nas décadas que antecederam a Guerra do Peloponeso (431-404 AEC).

Considerações finais

Creasy atribui à batalha de Maratona uma relevância histórica que transcende aquela reconhecida pelos próprios gregos do período clássico, ou pelo menos a eleva a uma potência difícil de identificar nas fontes antigas. Segundo Amélie Kuhrt, a batalha de Maratona «foi vista pelos atenienses como primeiro ato das Guerras Médicas», embora nada indique, continua, que os persas planejassem a conquista da Grécia em 490 AEC.¹²⁰ A primeira ideia deve-se ao fato de que, já no tempo de Heródoto, sua audiência «sabia muito bem que os persas de Dario seriam derrotados em Maratona pelas forças da Atenas democrática, sem mencionar a subsequente derrota de Xerxes.»¹²¹ Em outras palavras, para os gregos antigos a derrota persa para os atenienses serviu de propaganda pró-ateniense na época de seu imperialismo e mudou a visão que os mesmos tinham dos persas,¹²² ao passo que na narrativa oitocentista de Creasy o embate ganha relevância quase universal em moldes byronianos: travada por uma geração que libertou Atenas das garras dos tiranos (os filhos de Pisístrato), foi também interpretada como «momento mais brilhante de sua existência nacional».¹²³ Afinal, como recentemente afirmaram Robert Rollinger e Julian Degen, «Maratona tornou-se um lugar de memória altamente carregado na história ateniense, grega e europeia»,¹²⁴ e *The Fifteen Decisive Battles*

¹¹⁸ Sobre a revolta, ver recentemente Uzume WIJNSMA: “‘And in the fourth year Egypt rebelled...’ The Chronology of and Sources for Egypt’s Second Revolt (ca. 487–484 BC)”, *Journal of Ancient History*, 7:1 (2019), pp. 32-61.

¹¹⁹ Roel KONIJNENDIJK: “Legitimization of War”, em Bruno JACOBS e Robert ROLLINGER (eds.), *A Companion to the Achaemenid Empire*, vol. 2, Hoboken, NJ, 2021 pp. 1.141-1.150, p. 1.146.

¹²⁰ Amélie KUHRT: *The Persian Empire: A Corpus of Sources from the Achaemenid Period*, vol. 1, Londres e Nova Iorque, Routledge, 2007, p. 185.

¹²¹ David BRAUND: “Friends and Foes: Monarchs and Monarchy in Fifth-century Athenian Democracy”, em Roger BROCK e Stephen HODKINSON (eds.), *Alternatives to Athens: Varieties of Political Organization and Community in Ancient Greece*, Oxford: The University Press, 2000, pp. 103-118, p. 105.

¹²² Vide, por exemplo, a sistematização das fontes feitas por Reinhold BICHLER e Robert ROLLINGER: “Greek and Latin Sources”, em Bruno JACOBS e Robert ROLLINGER (eds.), *A Companion to the Achaemenid...*, pp. 170-172. Ademais, como afirma Mischa Meier na mesma coletânea, «esta gloriosa vitória em Maratona tornou-se um dos mitos centrais que cercam a fundação da democracia ateniense. » Ver Mischa MEIER: “The Greek...”, p. 631.

¹²³ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 81.

¹²⁴ Robert ROLLINGER e Julian DEGEN: “The Establishment of the Achaemenid...”, p. 433.

naturalmente constitui mais um exemplo disso. Os cidadãos de Atenas encarnariam, na obra, uma mistura de «orgulho patriótico» e «grata piedade»,¹²⁵ que são evidentemente (especialmente o primeiro) valores característicos do tempo de Creasy, não dos atenienses ou plateus de Maratona. Gregos antigos simplesmente não reconheceriam um sentimento patriótico como o de meados do século XIX (nunca se discutiu sequer qualquer unificação política que implodisse a lógica das *poleis*), mas intelectuais desse século amiúde projetavam a realidade histórica dos nacionalismos modernos ao que entendiam ser o seu passado clássico, grego ou romano. E Creasy o fez a partir de uma leitura importada dos românticos ingleses.

Sua interpretação da batalha de Maratona é concluída com uma comparação com batalhas posteriores, igualmente travadas pelos gregos. Dez anos após o embate inicial, persas invadiram o território europeu em uma expedição punitiva organizada pelo filho de Dario, Xerxes. Entre Salamina e Plateia, incluindo mesmo antes o amargo episódio das Termópilas, mais uma vez os europeus teriam resistido – não apenas militarmente. Nenhuma dessas batalhas travadas na segunda guerra contra os persas, malgrado sua relevância, poderia rivalizar com Matatona, o que, uma vez mais, reverbera de maneira ímpar a própria propaganda ateniense antiga.¹²⁶ «Elas não originaram nenhum impulso novo», registra. «Elas não reverteram», literalmente, «nenhuma corrente do destino»¹²⁷. O que fizeram, conclui, foi apenas consolidar o processo histórico que Maratona principiara, como ele mesmo havia feito na sua interpretação dessa batalha.

Não apenas essa última ideia de Creasy erroneamente resume as batalhas gregas a uma história da defesa da Europa contra poderes bárbaricos, como ignora completamente o fato de que gregos lutaram contra gregos em 480 AEC, e não apenas contra persas. Oblitera, também, que gregos não lutaram até o último homem nas batalhas das Termópilas pela liberdade helênica¹²⁸; que os invasores do território grego não eram apenas persas; que a imagem dos persas de Dario como escravos submetidos a um déspota sádico e sem limites era uma visão herodoteana. Todas essas invenções são o produto de uma época que releu as fontes antigas de maneira a instrumentalizar o que elas registram em prol da história de uma Europa dinâmica, resiliente e vitoriosa.¹²⁹

Em boa medida, esse retrato encomiástico dos gregos ecoa o retrato dos românticos sobre os helenos que combateram em sua guerra de independência (1821-1832). Similarmente, a identificação dos Aquemênidas de Dario com os turcos otomanos da época da independência grega como ameaças soberbas às modestas forças do Ocidente revela-se um produto de seu tempo. História militar antiga e historiografia militar britânica de meados do século XIX imbricam-se de tal maneira que a crítica à construção

¹²⁵ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 81.

¹²⁶ Edward CREASY: *The Fifteen Decisive Battles of the World...*, p. 83.

¹²⁷ *Ibidem*.

¹²⁸ HERÓDOTO: *op. cit.*, 8.222.

¹²⁹ Devo essa observação a um dos avaliadores da RUHM.

moderna do significado da batalha de Maratona, e conseqüentemente da própria civilização clássica, torna-se uma questão fundamental para a atualidade da escrita da história militar. Da mesma forma, dada a pluralidade das questões tratadas em estudos recentes sobre Byron,¹³⁰ deve-se adicionar mais uma frente de batalha: a influência deste na visão de mundo de historiadores militares oitocentistas dedicados a compreender as transformações da Europa pós-Waterloo por meio da reconstrução de batalhas decisivas da história europeia.

¹³⁰ A exemplo de: Gavin HOPPS (ed.): *Byron's Ghosts: The Spectral, the Spiritual and the Supernatural*, Liverpool, Liverpool University Press, 2013; Norbert LENNARTZ (ed.): *Byron and Marginality*, Edinburgh, Edinburgh University Press, 2021.